CRÍTICA DE TEATRO
por ALICE OGANDO

DESEJA-SE MULHER

de José de Almada Negreiros
pelo elenco da Casa da Comédia

Hoje, como há trinta anos, Almada Negreiros não usa «oceroulas de atilhos». Daqui a mais trinta não os usará também . Novo e irreverente há trinta anos, aparece com igual juventude, a mesma audácia, o mesmo talento, tanto tempo depois. Não há velhos nem novos: há pessoas e coisas, inteligentes e estúpidos, entes marcados pelo dedo de Deus e... bagatelas. A José de Almada Negreiros aconteceu nascer marcado. Teatro moderno, teatro simbólico, «antiteatro», ensaio teatral, comédia em três actos, como lhe quiserem chamar, ou 1+1=1, tudo é Almada.

É preciso afirmar, antes de mais, que nunca tivemos a sensação de que se representava realmente com nervos e cabeça, num teatro experimental, como desta vez. Havia com certeza compreensão geral e possibilidades muito positivas da parte de todos os intérpretes. O Dr. Fernando Amado, enamorado do teatro, seu servidor e amigo, deve estar contente. O espectáculo, que carecia de grande palco, resultou, mesmo assim, no pequeno e simbólico palco da Casa da Comédia (esta Comédia tem, finalmente, uma casa) e essa casa chama-se tenacidade, amor, dedicação. Se V. Ex.as quiserem: loucura — uma palavra que sabe bem pronunciar num tempo de materialismo... lúcido.

Os jovens intérpretes deram vida às simbólicas figuras de Almada; compreenderam exactamente o que deles se exigia, foram símbolos. Uma linguagem poética, rica, não snob mas ansiosa de transmitir alma e pensamento, andava na boca das figuras, conscientemente, sabiam porque falavam assim, para que o faziam, qual o objectivo que deviam atingir. Só isto sabia bem, se mais não nos tivessem dado, mas esse mais veio ainda. A figura estranha, dolorosa, de trágico símbolo de «A vampe», teve em Fernanda Lapa primorosa expressão. Sempre que ouve, fá-lo como uma actriz inteligente, consciente, segura. É menos brilhante quando fala, mas tem tempo; o que deu é muito e promete o resto. Gostámos, francamente, de a ver. Possui o tipo admirável para servir a figura. Quando passa o vestido de noiva, o andar foi uma demonstração perfeita de consciência profissional.

«Ela» foi Manuela de Freitas. Viva, expressiva, dizendo bem, não aguentou a parte dramática, o que não admira. Se o tivesse feito, o seu lugar não seria num teatro experimental. Maria do Céu Guerra foi «A mulher». O seu temperamento artístico não é o indicado para este género e mesmo assim — preciso é frisar também que pisou o palco pela primeira vez — mas revelou excelentes dotes artísticos, inteligência e compreensão da figura. Fizeram-na gritar um pouco demais. Alegria, não implica gritos, mas justamente porque esse erro podia ter sido evitado a tão inexperiente intérprete, não deixamos de o apontar. Em «A pequena do tambor», Maria do Céu Guerra mostrou largamente as suas qualidades dando, sem palavras, toda a gama de dolorosos sentimentos que podiam agitar a alma daquela criança: medo, espanto, angústia e, sobretudo e apesar de tudo, esperança, no sorriso que esboça. Norberto Barroca mostrou que tem qualidades e diz com inteligência, e os seus camaradas Santos Manuel, Maria Odette Lopes, Deta Martins, Eládio Clímaco, Herlando Marta, Marcelo de Brito, Francisco Ferro, Alberto Sampayo, José d'Orey, Alexandre Passos, Teles Pereira e Zita Duarte, contribuíram todos para o agrado do espectáculo, que teve a direcção artística de Fernando Amado. Cenografia e indumentária de Vítor Silva Tavares, colaboração musical de Luís Sande Freire.

O Dr. Fernando Amado, encenador da peça, diz na apresentação que faz da obra: «Quanto ao arranjo cénico, preferi pecar por discreção excessiva a dar relevo a situações dramáticas por meio da ênfase, inimiga da obra, cuja grafia procurei em todos os lances respeitar».

E foi assim, graças a um grupo de jovens que sabem sonhar, que a peça de Almada viu a luz da pequena ribalta da «Casa da Comédia», neste ano de 1963, trinta anos depois de escrita. O bilhete de identidade de Almada revela a razão do atraso. Lá vem orgulhosamente escrito: «nacionalidade: portuguesa». A demora foi simples e não houve má vontade, mas nós, em matéria de teatro «cá da casa», não gostamos de descobertas.

MALENI CASTRO

—uma rival de MARISOL

Maleni nasceu em Sevilha, em 24 de Fevereiro de 1950. Seu verdadeiro nome é Magdalena Castro Grueso. É filha de uma família de trabalhadores, e vive com seus pais na sua cidade natal. Seu pai é mecânico electricista. Conta a mãe de Maleni, que sua filha aprendeu a cantar antes de falar. Seu avô foi um grande cantor, sendo ele quem lhe ensinou desde muito pequenina diversas canções. Por isso hoje, com os seus 13 anos de idade, Maleni possui uma voz maravilhosa. Quando Maleni foi descoberta por António del Amo, já era popular no seu bairro, e contava com uma legião de admiradores.

Aos 9 anos de idade, cantou em pequenos festivais e na rádio. Numa sexta-feira de Paixão da Semana Santa Sevilhana, cantou uma canção numa praça cheia de gente. Sua voz potente e emotiva foi o assombro de quantos a escutavam. Foi nessa altura que António del Amo a conheceu, na Primavera de 1960, submetendo-a a várias provas de fotogenia e de aptidão dramática.

António del Amo, começou por dar-lhe um pequeno papel sem importância em «Bela Recordação», onde trabalhou ao lado de Joselito. Nesse mesmo ano, Maleni estreava-se galhardamente em «Chico o Chica». A jovem actriz teve nesta película uma actuação de relevo. A Casa «Hispavox» gravou todas as canções por ela cantadas no filme, o que atesta bem o seu valor. A sua segunda película chama-se «Las Gemelas». Maleni Castro está contratada em exclusivo por «Apolo Films».

Quanto à sua terceira película, também de António del Amo, intitula-se «Durante la Siesta», e os trabalhos da rodagem já começaram há quatro semanas. Neste filme Maleni contracena com Carlos Ballesteros, Mary Paz Pondal, António Vela, etc.

Maleni, além de interpretar canções da sua terra, canta também e muito bem o nosso fado.

Talvez que ainda este ano seja estreada uma das películas de Maleni Castro em Lisboa.

FRANCISCO RAMOS DE SOUSA